

# **A infra-estrutura do gênero *Cartoon*<sup>1</sup>**

**Audria Albuquerque Leal**

## **Introdução**

A proposta do nosso trabalho é procurar mostrar caminhos que levem a uma análise da infra-estrutura do gênero *cartoon*. Para isso, apresentaremos algumas considerações sobre as condições de produção dos textos. Também faremos uma abordagem da arquitetura interna do texto, na qual faz parte a infra-estrutura como um dos folhados que compõe a organização textual. Em seguida, faremos uma pequena análise da infra-estrutura de um *cartoon* com tema político retirado do jornal *o Público*, 24/12/2004.

Deste modo, salientamos que a nossa análise está orientada pelas contribuições da teoria do funcionamento do discurso proposto por Bronckart (1999) e com a qual concordamos.

## **O texto e as suas condições de produção: Algumas considerações.**

As atividades comunicativas humanas manifestam-se na forma de textos. É sabido que a noção de texto varia conforme a perspectiva teórica adotada (Koch, 2001). Desse modo, o conceito de texto partirá de uma perspectiva mais formal que vê o texto como unidade linguística superior à frase, passando por uma noção pragmática na qual o texto é visto como sequência de atos de fala ou numa linha mais cognitivista que considerará o texto como resultado de processos mentais até chegar a noção de texto como atividade mais global de comunicação, indo além da atividade verbal já que esta constitui apenas uma parte do processo de comunicação humana. Nesta última vertente, a produção textual é vista não só como simples atividade mental, mas como produto da interação humana em que estará em jogo ações sociais, culturais e históricas na sua ação comunicativa. Aliás, esta última perspectiva é defendida pelos interacionistas socio-discursivo, entre eles, Bronckart (1999) que defende o texto como produções verbais articuladas a diferentes situações comunicativas. A noção de texto para esse autor

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte do trabalho realizado para o seminário *Teoria do Texto* ministrado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>oa</sup> Antónia Coutinho na UNL-FCSH em 2004.

refere-se a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita. Os textos, embora se apresentem com formas diferenciadas, possuem propriedades observáveis e características comuns.

Ainda segundo esse autor (1999:75), o texto é considerado como uma produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente. Salienta que a organização e o funcionamento do texto dependerá de parâmetros como o contexto situacional, estrutura, regras do sistema da língua, decisões particulares do produtor entre outras. Cada texto produzido apresenta sua própria organização do seu conteúdo referencial, e apresenta mecanismos de textualização e enunciativos próprios de cada texto e que lhe asseguram coerência interna. Assim, o texto deixa de ser visto como estrutura superior à frase para ser entendido como elemento de construção de significado, de planejamento e de ação social. Os textos são produtos da necessidade humana de comunicação e, por isso, estão ligados a condições de funcionamento que visam atender essas necessidades. Sendo essas necessidades variáveis culturalmente, no quadro da comunicação humana haverá também uma imensa variedade de textos que apresentam características próprias para atender a sua função.

Bronckart (1999) esclarece que, ao produzir um texto, o agente deve mobilizar algumas de suas representações sobre o mundo. Tomando a linguagem como atividade psicológica, esse autor procura entender os efeitos das situações de comunicação sobre o funcionamento de uma língua natural, e, assim, desenvolve um *modelo de produção discursiva* para explicar como as operações de produção textual realizadas por um agente podem nos levar a entender a frequência ou ausência de determinados elementos lingüísticos na constituição dos textos. De acordo com o modelo, quando um agente se depara com uma dada situação de ação de linguagem, ele realiza uma série de operações psicológicas relativas à mobilização de algumas das suas representações a respeito dos mundos (físico, social e subjetivo), o que será feito em dois sentidos: como *contexto de produção* textual e como *conteúdo temático*.

Quanto ao *contexto de produção*, podemos afirmar que se constitui num conjunto de fatores referentes ao mundo físico ou aos mundos social (normas, valores, regras, etc) e subjetivo (imagem que o agente faz de si ao agir, etc) que interferem na organização textual. Quanto aos fatores de ordem física, Bronckart (1999:93) observa que o agente ao produzir um texto o faz levando em consideração as restrições definidas pelo lugar e momento de produção, e pelo papel do emissor e do receptor dos textos (aquele que produz e aquele que receberá o texto). A respeito dos parâmetros de ordem sócio-

subjetiva do contexto de produção, pode-se observar a interferência do lugar social (posição social do emissor e do receptor que lhes dará o estatuto de enunciador e destinatário respectivamente) e o objetivo da interação (que efeitos de sentido o agente pretende causar no seu destinatário).

Já o *conteúdo temático*, Bronckart (1999:97) define-o como “o conjunto das informações que nele (texto) são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”. Esse autor ainda esclarece que essas informações que compõe o conteúdo temático são construídas pelo agente-produtor. Todo o conhecimento que o indivíduo adquire é apreendido pelo meio social e cultural em que vive. Esse conhecimento irá variar mediante a experiência de vida e o nível de desenvolvimento do agente e que serão estocados e organizados em sua memória, sendo ativados no momento da ação da linguagem. Denominados de conhecimentos prévios, essa organização toma diversas formas, podemos mesmo falar em macroestrutura cognitivas. Assim, podemos dizer que o conteúdo temático refere-se ao conjunto de informações recuperadas pelo indivíduo no momento da ação da linguagem mediante o seu conhecimento prévio. Com relação a análise do conteúdo temático, Bronckart (op.cit) admite que o reconhecimento e a distinção dos três mundo citados por ele não será relevante, uma vez que, um texto pode apresentar como tema um objeto ou fenômeno de um desses três mundos ou pode veicular temas de dois ou três mundos simultaneamente.

Partilhamos a perspectiva segundo a qual não é possível pensar numa análise lingüística dos textos sem levar em consideração elementos exteriores aos dados ou fatos lingüísticos analisados, visto que a consideração de uma análise dos elementos isoladamente não é suficiente para a compreensão e estudo. Fazer análise lingüística, de qualquer ordem que seja, deve pressupor uma análise dos elementos em grupos, em combinações, em funcionamento, enfim, deve-se levar em consideração o contexto tanto interno quanto externo. Os estudos que procuram analisar os elementos descontextualizados se inserem numa busca de análise da forma e não procuram considerar todos os aspectos envolvidos na enunciação. Lembremos, pois, que não existem apenas frases, mas enunciados únicos e efetivamente produzidos, influenciados pelo momento social e cultural que determinam a produção da linguagem.

## **A arquitetura interna dos textos**

Sabemos que os textos são caracterizados por um todo coerente que possui princípio, meio e fim. Segundo Bronckart, os textos são organizados por uma arquitetura interna composta por três níveis superpostos e interativos que denomina-se *folhado textual*. As três camadas do folhado textual são: a infra-estrutura geral do texto; os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Interessa-nos, aqui, discutir apenas a *infra-estrutura geral dos textos*, que se constitui num conjunto de fatores referentes a organização mais profunda do texto.

### **A infra-estrutura geral dos textos**

A *infra-estrutura*, considerada o nível mais profundo de um texto, é constituída pelo plano mais geral do texto, pelos tipos de discurso que comporta, pelas modalidades de articulação entre esses tipos de discurso e pelas sequências que eventualmente aparecem no texto.

O *plano geral*, por sua vez, “refere-se à organização do conjunto que compreende o conteúdo temático; mostra-se visível no processo da leitura e pode ser codificado em um resumo” (Bronckart, 1999:120). Essa estruturação esquemático-formal do texto pode assumir formas de nível de complexidade variável, pois, em alguns casos, o texto apresenta um plano fixo (típico dos gêneros textuais ao qual pertence); e em outros casos um plano ocasional (próprio a um texto singular, ou seja, a um texto que apresenta alterações provenientes da reestruturação de um gênero para atender às exigências de uma dada situação comunicativa). Desta forma, Bronckart (1999) assume que o plano geral do texto pode ter formas extremamente diferentes, isso não só porque varia conforme o gênero escolhido e os gêneros são de número ilimitado, mas também porque os textos apresentam diversos fatores que os tornam singulares, entre esses fatores podemos citar o tamanho que pode ir de um simples enunciado até uma obra com várias páginas; da natureza do seu conteúdo temático; de suas condições externas de produção, entre outros. Devido a essa questão, Bronckart (1999) alerta que os planos de textos ao apresentar formas muito complexas podem dificultar a análise linguística. Sendo assim, esse autor considera que os tipos de discurso e as formas de planificação

são as dimensões mais significativas da infra-estrutura. O plano também marca a relação entre os tipos de discurso, das sequências e das outras formas de planificação.

Quanto ao *tipo de discurso*, Bronckart (1999) afirma que é um conceito utilizado para designar os diferentes segmentos que o texto comporta. Em outras palavras, são formas de organização linguística que estão presentes de maneira composta nos gêneros textuais. Antes de falarmos dos tipos de discurso possíveis, é necessário resaltar a construção dos mundos discursivos proposto por Bronckart (op.cit). Esse autor explica-nos que os mundos discursivos combinam-se em dois grandes grupos, são eles: os da ordem do *expor* e os da ordem *narrar*. Esses, por sua vez, vão dar origem a quatro mundo discursivos: *mundo do expor implicado*; *mundo do expor autônomo*; *mundo do narrar implicado*; e o *mundo do narrar autônomo*. A partir da construção dos mundos discursivos, Bronckart (op. cit) propõe a existência de quatro tipos de discurso, a saber: *o discurso interativo*; *o discurso teórico*; *o relato interativo* e a *narração*. Enquanto o primeiro tipo e o segundo caracterizam-se pela constituição de um mundo discursivo conjunto ao da interação social em curso, tendo como principal diferença a questão de que o primeiro traz referências explícitas aos parâmetros da situação e o segundo não; o terceiro e o quarto tipo são caracterizados pela constituição de um mundo discurso disjunto ao da ação de linguagem, sendo que este não faz referências aos parâmetros da situação material de produção e aquele faz. Sendo assim, quanto a situacionalidade, na ordem do narrar, o mundo discursivo é apresenta como um mundo independente, ou mesmo, a parte do mundo ordinário. Bronckart (1999) fala mesmo em “um outro lugar”, mas que é necessário que seja possível de ser avaliado e interpretado pelos seres humanos. Enquanto, na ordem do expor, os conteúdos temáticos dos mundos discursivos conjuntos são interpretados segundo os critérios de validade do mundo ordinário. Este autor ainda assume que, no eixo do expor, há um tipo de discurso misto, *o discurso interativo-teórico*, que envolve características tanto do discurso interativo quanto do discurso teórico. Vale ressaltar ainda que a escolha dos tipos de discursos por parte do agente-produtor do texto está condicionada a interpretação que ele tem da situação comunicativa na qual o texto é gerado.

As *articulações entre tipos de discurso* são observados através dos mecanismos que podem tomar diferentes formas, entre elas temos, o encaixamento de segmentos do discurso direto num segmento de narração, sendo que o termo encaixamento é usado para designar um conjunto de procedimentos que explicitam a relação de dependencia

de um segmento em relação ao outro. Outra forma de articulação explicitada por Bronckart é a fusão em um mesmo segmento de dois tipos de discursos diferentes.

No que diz respeito as sequências textuais, Bronckart (1999) assume o posicionamento teórico de Adam (1992) e aceita a noção de sequência como modos de planificação de linguagem que se desenvolvem no interior do texto. Bronckart (op.cit) explica que, para Adam (op. cit), as sequências constituem protótipos - segundo uma concepção cognitista - ou seja, modelos abstratos prototípicos que atuam como representações das propriedades superestruturais canônicas dos textos que circulam numa dada cultura e que é apreendido pelo agente-produtor, progressivamente, pelo meio social e cultural em que vive. Assim, as sequências são produtos organizados dos conhecimentos disponíveis na memória que serão acionados tendo como motivação as representações que o sujeito-produtor faz dos seus interlocutores e os efeitos de sentido que deseja produzir nestes. Deste modo, as sequências assumem formas linguístico-estruturais resultado da decisão interativa do agente em relação à situação de linguagem. As sequências textuais abrangem cerca de seis categorias: argumentativa, injuntiva, explicativa, narrativa, descritiva e a dialogal. Esse autor (1999:237-238) ainda salienta que “a sequencialização de um determinado conteúdo temático baseia-se em operações que diferem das operações constitutivas dos tipos de discurso e que se **sobrepõem** a essas últimas”.

Para finalizar, queremos reiterar a posição de Bronckart (1999) quando afirma que, ao produzir um texto, o agente-produtor depara-se com três tipos de decisões. O primeiro refere-se a escolha do gênero; o segundo será decidir-se quanto ao tipo de discurso (nessa escolha, há três categorias de procedimentos psicológicos: a constituição do mundo discursivo, a escolhas das sequências e a escolha quanto ao grau de implicação da situação material da produção); e por fim, tomará decisões relativas a construção da coerência. Nesses três caminhos para a criação da textualização agem os procedimentos de coesão e conexão, modalização e a planificação textual global.

## **Análise do Corpus**

O cartoon é um gênero textual constituído de linguagem não verbal, podendo ou não trazer linguagem verbal. Essa caracterização por si só pode trazer questionamentos em relação a sua infra-estrutura difíceis de serem resolvidos. Se é verdade que os tipos de

discurso só são identificáveis a partir das formas linguísticas, então como poderemos falar na construção dos mundos discursivos que estão presentes no cartoon? Em primeiro lugar, é necessário saber que os mundos discursivos são representações dos mundos em que se desenvolve as ações dos agentes produtores da comunicação. Bronckart (1999) nomeia esse mundo das ações humanas de *mundo ordinário*, enquanto que o mundo das representações criado pelas atividades de linguagem de *mundo discursivo*. Em segundo lugar, é importante salientar que os mundos discursivos são construídos com base em dois subconjuntos de operações: as primeiras referem-se a relação existente entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as coordenadas do mundo ordinário; as segundas esclarecem o relacionamento das diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal com os parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor e espaço-tempo da produção).

Com base nesses parâmetros, voltemos a nossa atenção para as características do cartoon. Esse gênero que tem como suporte o jornal ou revista apresenta uma ação comunicativa condicionada pelo contexto sociocultural, ou seja, manifesta-se de acordo com o grupo em que está inserido. Desse modo, para uma compreensão do *cartoon*, é necessário um conhecimento prévio que nasce da apreensão das informações do mundo ordinário e que gera inferências, possibilitando, assim, um entendimento de idéias e comportamentos sociais. Também é possível dizer que esse gênero tem uma “vida curta” assim como as notícias que são veiculadas na mídia escrita. Outra característica do *cartoon* é a construção do humor a partir de uma leitura rápida, possibilitada pela apresentação de uma imagem congelada e distorcida, caricatural, de algum personagem conhecido ou não. A presença da imagem é que faz com que esse gênero seja reconhecido como icônico ou icônico-verbal, no qual texto e desenho desempenham papel central. O funcionamento de tal parceria cria os parâmetros da situação de ação da linguagem em curso, trazendo informações sobre personagens, grupos ou instituições e sua relação com o contexto em que estão inscritos. O *cartoon* apresenta referências do mundo ordinário do produtor que é semelhante ao do leitor e com o qual este irá encontrar caminhos suficientes para chegar a construção das idéias satirizadas pelo cartoonista.

Ao observarmos mais atentamente as características do *cartoon*, vemos que esse gênero apresenta características como pouca densidade verbal, pouco uso de sintagmas nominais e, também, apresenta parâmetros ligados ao conteúdo temático que são

interpretados à luz dos critérios de validade do mundo ordinário. Diante da constatação dessas características, poderíamos supor que esse gênero apresenta-se num mundo do *expor* implicado, principalmente, quando damos maior ênfase a relação texto/leitor. Contudo, alguns textos desse gênero podem apresentar, dentro da sua estrutura, diálogos que o caracterizaria como um discurso interativo, ou mesmo, poderia apresentar narrativas, caracterizando-o como um relato interativo ou uma narração. Sendo que alguns desses parâmetros são encontrados apenas no seu arquetipo psicológico devido a existência de poucas marcas linguísticas observáveis. Assim, para interpretar o cartoon é preciso ter acesso ao contexto de produção e as diferentes instâncias de agentividade (personagens, grupos, instituições, etc.) e sua inscrição espaço-temporal e, também, aos parâmetros físicos da ação da linguagem em curso (agente-produtor, interlocutor e espaço-tempo da produção). Mas, isso não esgota a problemática uma vez que a própria parte icônica apresenta traços que influem na construção do mundo discursivo e, conseqüentemente, na composição desse gênero.

A seguir, vejamos a análise do *carton* e sua composição:



Este *cartoon* que iremos analisar é datado de 24/12/2004 e publicado no jornal *Público* (ver anexo). Esse texto está inserido numa seção do jornal intitulada de “crônica semanal” que traz opiniões sobre acontecimentos políticos da semana. O *cartoon* mostra um personagem espantado diante de vários cartazes imensos que são levados por pessoas não identificáveis (só é possível visualizar os pés). A presença do “zé povinho”



como personagem central não é mero acaso, pelo contrário, esse elemento cultural criado há 130 anos, em 12/06/1875, por Rafael Bordalo Pinheiro, carrega consigo uma representação cultural do povo português. Símbolo da resistência popular contra a monarquia e os governos autoritários, o Zé Povinho continua vivo, fazendo parte da memória cultural, encontrando sua expressão em tempos e épocas diferentes na mão de cartoonistas e caricaturista. Assim, quando um cartoonista quer representar o povo português usa a imagem do “zé povinho” que é reconhecido por todos os leitores que conhecem a cultura portuguesa. A parte verbal do texto encontra-se dentro dos cartazes. Com letras imensas, a parte verbal inicia-se com o enunciado “NÃO PERCA” em letras negritadas. O verbo no imperativo, caracterizando uma ordem, remete-nos para uma sequência injuntiva que tem como operação o “fazer agir”. Indicando uma ordem, essa sequência será seguida por uma sequência explicativa sobre o que não se deve perder, ou seja, que não se deve perder “a conferência de imprensa a anunciar a conferência de imprensa que vai anunciar a próxima conferência de imprensa do governo”. A repetição da idéia é enfatizada pelos mecanismos de textualização aqui articulados com o objetivo de apresentar a conferência de imprensa como uma ação nova, mas que tem o mesmo objetivo: anunciar a conferência de imprensa. Para Bronckart (1999:259), os mecanismos de textualização “são articulados à progressão temática, tal como apreensível no nível da infra-estrutura. Explorando as cadeias de unidades linguística (ou séries isotópicas), organizam os elementos constitutivos desse conteúdo em diversos percursos entrecruzados, explicitando ou marcando as relações de continuidade, de ruptura ou de contraste, contribuindo, desse modo, para o estabelecimento da coerência temática do texto. Esse autor também distingue três tipos de mecanismos de textualização, são eles: conexão; coesão nominal e a coesão verbal. A parte verbal do cartoon é formada por duas orações: *a conferência de imprensa a anunciar a conferência de imprensa, e, que vai anunciar a próxima conferência do governo*. Essas duas orações estão ligadas pelo pronome relativo *que*, o qual podemos chamar de conector e que cumpre a função de organizador textual responsável pela articulação entre essas frases sintáticas e inicia a justificativa para se convocar a conferência de imprensa. Também constatamos que o elemento sintático da primeira oração, no caso, o objeto direto “a conferência de imprensa”, é retomado pelo pronome relativo “que” na segunda oração com função sintática de sujeito. Também como objeto direto dessa segunda oração temos o que parece-nos ser a retomada do objeto direto da primeira, “a próxima conferência de imprensa”. O elemento de coesão nominal, nesse caso, será o

substantivo “a próxima” que irá retomar a expressão “conferência de imprensa”. Isto causa a sensação de repetição ou de retomada que forma uma cadeia dentro do enunciado, o qual transmite essa sensação de estarmos diante de a mesma idéia. Neste caso, o conector e o elemento de coesão são organizados para reforçar essa idéia de repetição de um mesmo acontecimento, mas que na verdade não é o mesmo acontecimento. Essa repetição causa uma aparente “confusão” e será o responsável pelo humor uma vez que apresenta a necessidade de vários avisos para que finalmente se cumpra o papel injuntivo do cartaz. Com essa conjuntura formal, esse cartoon traz a crítica relacionada a questão de que o povo (lembrado pelo Zé Povinho) não tem interesse político, sendo necessário várias conferências de imprensa com o objetivo de alertar para não esquecer (no caso, não perder) a “conferência de imprensa” do governo. Desse modo, podemos dizer que o texto injuntivo mostra não apenas a idéia de fazer agir, mas, na construção da interpretação do cartoon, apresenta a idéia de um povo que já tem na sua cultura o esteriótipo da falta de interesse por questões políticas, isto é, não assistem a nenhuma conferência do governo, mesmo que ela seja para apresentar problemáticas do interesse público. Vemos, nesse cartoon que o verbal (a parte escrita dentro dos cartazes) é tão central quanto o não-verbal (principalmente o zé povinho e o tamanho gigantesco dos cartazes), marcando um equilíbrio desses dois tipos de linguagem na construção da interpretação e da análise do texto.

## **Conclusão**

A análise do nosso texto revelou que a estrutura do cartoon é mais do que o traço do desenho. É uma construção de um mundo discursivo em que está presente valores do mundo físico, social e subjetivo que compõe a ação comunicativa. Se objetivo desse gênero é alcançado e se podemos reconhecê-lo é porque reúne parâmetros que compõe o ato de comunicar.

Para concluir, observamos que as características do cartoon reúnem elementos que podem fazer supor que esse gênero apresenta-se num mundo do *expor* implicado. Isto porque encontramos pouca densidade verbal, pouco uso de sintagmas nominais e, também, a sua interpretação só é possível a partir do reconhecimento das condições de produção. Contudo, se centrarmos no interior do gênero e na relação linguística intra-textual, observamos que o gênero pode apresentar outros mundos discursivos que

não seja o do “expor implicado”, é o caso, por exemplo, dos *cartoons* que apresentam diálogos. Já com relação as sequências, podemos afirmar que ela é propiciada pela escolha do agente-produtor, visto que esse gênero tem acesso ao uso da criatividade, apresentando uma composição maleável. Outra questão interessante é relação do verbal com o não-verbal. O funcionamento discursivo do texto linguístico com a imagem para a composição do gênero revela que a relação entre ambos pode ser de natureza distinta. Assim, o verbal pode ser tão central quanto o não verbal, ou o verbal ser apenas um acessório, ou o verbal ser a chave para a criação de inferências que ativa a memória discursiva do leitor. Longe de esgotar os questionamentos levantados, deixamos aqui portas para serem abertas e caminhos para serem seguidos.

Quando observamos um cartoon, mais que partilharmos o ponto de vista do autor, ou, decodificar a mensagem subjacente, existe a procura do divertimento puro. Mas é nessa procura do divertimento que se estabelece uma cumplicidade entre o autor e o leitor. O traço do autor leva-nos a partilhar o mundo - o nosso e o seu - as suas ideias, crenças e valores, e juntos, rimos disso tudo!

## **VI – Referências bibliográficas**

- Bakhtin, Michail (2000) *Estética da Criação Verbal*, São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, Michail (2000) *Marxismos e Filosofia da Linguagem*, São Paulo: Hucitec.
- Beserra, M.A., Dionísio, A. P., Machado, A. R. (eds.) (2002) *Gêneros Textuais e Ensino*, Rio de Janeiro: Lucerna.
- Biber, D. (1988) *Variation across speech and writing*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Bronckart, Jean-Paul (1999) *Atividades de Linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*, São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- Fairclough, Norman (2001) *Discurso e Mudança Social*, Brasília: UNB.
- Koch, Ingedore (2001) *Desvendando os segredos do texto*, São Paulo: Cortez.
- Marcuschì, Luiz Antônio (2001) *Gêneros discursivos & oralidade e escrita: o texto como objeto de ensino na base dos gêneros*, Recife: PG em Letras – UFPE Mimeo.
- Marcuschì, Luiz Antônio (2002) *Gêneros Textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*, Mimeo, Apresentado na 50ª Reunião Anual do Gel. São Paulo, USP, Maio de 2002.

Mendonça, M. R. De Souza (2002) «Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos» in Bezerra, M.A., Dionísio, A. P & Machado, A. R (eds.) *Gêneros Textuais e Ensino*, Rio de Janeiro: Lucerna.

Miller, Carolyn (1994) «Genre as social action» in Freedman, A., Medway, P. (eds.). *Genre and New Rhetoric*, London/Bristol :Taylor & Francis, pp. 23-42.

Miller, Carolyn (1994), «Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre» in Freedman, A., Medway, P. (eds.) *Genre and New Rhetoric*, London/Bristol: Taylor & Francis, pp. 67-78

Rosa, A. L. T. da (2003) «No comando, a sequência injuntiva» in Dionísio, A., Beserra, N. da S. (eds.) *Tecendo Textos, Construindo Experiências*, Rio de Janeiro: Lucerna.